

APRESENTAÇÃO

O UNIVERSO POLISSÊMICO E FRONTEIRIÇO DA TRADUÇÃO LITERÁRIA

Roberta Rego Rodrigues (UFPeI)
Organizadora

Esta edição da Revista Caderno de Letras, número 23, segundo semestre de 2014, trata do universo polissêmico e fronteiroço da tradução literária. Em um primeiro momento, o universo polissêmico pode ser entendido como uma rede de significados que se entrelaçam, significados esses que não são somente linguísticos, mas também ideológicos e poetológicos (LEFEVERE, 1992). Além disso, Magalhães (2000), ao citar os teóricos Mark Shuttleworth e Moira Cowie, afirma que a polissemia faz-se presente em conceitos dos Estudos da Tradução, como, por exemplo, no conceito de equivalência. Segundo Magalhães (2000), o caráter polissêmico desse conceito diz respeito às várias acepções que ele pode apresentar. A autora menciona a equivalência conforme Catford e consoante Vinay e Darbelnet. O primeiro teórico enxerga a equivalência a partir de uma noção matemática ao passo que os segundos teóricos veem a equivalência a partir de uma noção idiomática (MAGALHÃES, 2000). O universo fronteiroço pode ser entendido como a ampliação das fronteiras que a tradução literária oferece, fornecendo acesso a culturas diversas (LEFEVERE, 1992). Segundo o autor, tal ampliação leva em conta as relações de poder no mundo tradutório e seleciona de certa forma, conforme Venuti (2008), os textos literários que devem ser traduzidos, seja por intermédio de projetos domesticadores ou de projetos estrangeirizadores. Ademais, segundo Esqueda (1999), a subserviência do(a) tradutor(a) ao texto fonte é uma fronteira a ser transposta, uma vez que ele ou ela pode ter sua própria interpretação do original assim como sua própria intenção ao traduzir um texto.

O artigo de Marlova Gonsales Aseff, intitulado *O papel dos poetas-tradutores na formação do cânone da poesia traduzida no Brasil (1960-2009)*, mostra a interferência da tradução na criação de cânones literários, além de apontar a relevância das tarefas tradutórias de poetas brasileiros no delineamento do cânone da poesia traduzida no Brasil no período supracitado. Citando Lefevere (2007), a autora ressalta que a tradução é uma das atividades mais importantes para inclusão de obras no cânone. Com base em Venuti (2008), Aseff reitera que a seleção criteriosa do texto estrangeiro e da estratégia tradutória pode modificar ou estabelecer cânones literários. Ao tratar mais especificamente da influência dos poetas-tradutores na criação do referido cânone, a autora faz menção aos concretistas que, a partir da década de 1960, propuseram traduções e criticaram a suposta “inferioridade” do texto traduzido em comparação ao texto original. Além disso, Aseff considera que o poeta-tradutor pode ou não adaptar suas traduções à poética vigente em seu meio literário. Por fim, a autora afirma que a intensa atividade tradutória dos poetas-tradutores desde os anos 1960 foi em parte inspirada nos poetas concretos, que motivaram a difusão de traduções enquanto atos intervencionistas com impacto no cânone da poesia.

O artigo de Elizamari Rodrigues Becker e Patrícia Cavallo intitula-se *Experiência de leitura, recepção e tradução: o romance A ilha do dia anterior, de Umberto Eco, no Brasil* e trata de como esse romance pode ser lido de um ponto de vista “comum” ou “especializado”; como esse romance foi recebido no Brasil mediante a análise de artigos de jornais, resenhas, *blogs*, dentre outros; e como esse romance foi traduzido por Marco Lucchesi a partir de depoimentos autobiográficos do tradutor, por exemplo. Conforme as autoras, a leitura, a recepção e a tradução encontram-se relacionadas, ou seja, para traduzir um texto tem de haver uma interpretação feita por intermédio da leitura e por sua vez o produto tradutório apresenta um público-alvo, que o consumirá. De acordo com as autoras, a leitura do romance mencionado depende da perícia do(a) leitor(a) que em maior ou menor grau conseguirá decifrar as analogias e o não dito. Os depoimentos de *blogs* citados por Becker e por Cavallo demonstram a boa recepção do romance no Brasil, mas apontam para

uma diversidade de interpretações e impressões. Consoante Becker e Cavallo, o tradutor Marco Lucchesi esclarece que a tarefa tradutória foi árdua, mas prazerosa, sendo até mesmo elogiada pelo autor, Umberto Eco. As autoras defendem que a investigação das três esferas tenha novo vigor a fim de que a pesquisa da leitura, da recepção e da tradução de obras literárias possa ser aprofundada.

Dando continuidade ao conteúdo desta edição da Revista Caderno de Letras, Sergio Romanelli expõe uma faceta não muito conhecida do Imperador Dom Pedro II no artigo *O Imperador do Brasil e suas traduções: uma nova leitura (ou a primeira?)*. Segundo o autor, o Imperador Dom Pedro II podia ser considerado por alguns como um indivíduo entediado. No entanto, conforme aponta Romanelli, manuscritos conservados no Arquivo Histórico no Museu de Petrópolis mostram que o Imperador apresentava uma profícua atividade tradutória, trabalhando com várias línguas de partida. Conforme o autor, o Imperador mantinha um diário, no qual anotava sua agenda de tradução e traduções *per se*. Romanelli enfoca a tradução de uma ode de Alessandro Manzoni feita para o português por Dom Pedro II, o que possibilitou uma contínua troca de correspondências entre os dois. A tradução dessa ode foi elogiada e coloca o Imperador como um tradutor que tendia mais para a estrangeirização, como conclui Romanelli.

Em seu ensaio *Homero – prós e contras: a questão homérica como um problema de tradução e o problema da tradução como uma questão homérica*, Roberto Mário Schramm Júnior aborda “a questão homérica” a partir das versões de Homero feitas por Matthew Arnold e Jorge Luis Borges, procurando amalgamar tal questão a alguma teoria da tradução. Assim, o ensaísta defende a questão homérica como um problema de tradução bem como a situação inversa deste argumento. Para tanto, Schramm Júnior compara alguns trechos das traduções para a *Odisseia* de Homero de Manuel Odorico Mendes e Donaldo Schüler. Entre elucubrações e argumentações, o ensaísta mostra como os textos homéricos e a tradução *per se* foram responsáveis pela inauguração da literatura ocidental. Ademais, segundo Schramm Júnior, as traduções dos textos homéricos

para várias línguas são ao mesmo tempo autônomas e complementares entre si. O ensaísta é a favor de Homero, afirmando que as traduções dos textos homéricos chegam a ofuscar o texto original, no caso, a Odisseia.

O artigo de Luciana de Mesquita Silva e Marcela Iochem Valente, *Narrativas no espelho: algumas considerações sobre a recepção de O olho mais azul, de Toni Morrison, e Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo*, busca investigar o modo pelo qual *The bluest eye* (MORRISON, 1970) e *O olho mais azul* (MORRISON, 2003) assim como *Ponciá Vicêncio* (EVARISTO, 2003), foram recebidos e quais foram os efeitos produzidos nos polissistemas das culturas de partida e das culturas de chegada com o intuito de ampliar as pesquisas "sobre a recepção da literatura afro-descendente traduzida". Segundo as autoras, tal recepção é distinta para as duas escritoras sob escrutínio. Por um lado, *The Bluest Eye* foi traduzido para o português do Brasil muitos anos mais tarde após a publicação de sua primeira edição nos Estados Unidos e, de certa maneira, não foi possível observar de forma explícita o levantamento de questões afro-americanas na cultura de chegada, apesar de Toni Morrison destacar tais questões no referido romance. Por outro lado, a tradução de *Ponciá Vicêncio* para o inglês estadunidense possibilitou de certo modo reconhecer a visibilidade da autora, mesmo que em um âmbito mais restrito. Tal tradução faz pensar as relações entre o movimento afro-americano nos Estados Unidos e o movimento negro no Brasil, como arrematam Silva e Valente.

Em seu artigo, *Questões de Terminologia na Tradução de Literatura: os Casos de Edith Wharton e William Blake*, Juliana Steil defende que, apesar de a relação entre a Terminologia e os Estudos da Tradução considerar em sua maioria termos e fraseologias advindos de textos técnico-científicos e tecnológicos, tal relação também é viável no caso da tradução literária, visto que os textos literários podem apresentar léxico especializado. A autora cita o romance *Age of Innocence*, de Edith Wharton, o qual textualiza por exemplo muitos aspectos relativos a termos de moda da época em que foi escrito. Cita também o poema épico *Milton* de William Blake, em que diferentes atividades de artesanato são

introduzidas. Para a tradução de tais textos literários, conforme Steil explica, torna-se imprescindível utilizar com frequência dicionários específicos. Segundo Steil, o diálogo entre a Terminologia e a Tradução Literária é bem-vindo e necessário, posto que um tradutor literário em formação tem de estar consciente também das questões terminológicas.

O autor, tradutor e artista brasileiro Renato Rezende concedeu uma entrevista à pesquisadora Vanessa Lopes Lourenço Hanes acerca do ato de traduzir. A primeira parte da entrevista diz respeito principalmente ao ofício da tradução. A segunda parte da entrevista concentra-se no aprendizado adquirido a partir da vivência de traduzir Agatha Christie. No que tange ao ofício da tradução, Rezende afirma que, além de ter um compromisso ético com o autor, ele preocupa-se com o leitor. Segundo o tradutor, o leitor merece textos traduzidos que soem bem em português. Ademais, Rezende opina que traduzir literalmente faz que o produto empobreça. No que concerne aos romances policiais, como os de Agatha Christie, Rezende diz a Hanes que torna-se importante tomar cuidado com a tradução das palavras para que ela não interfira na trama. Parece que Renato Rezende é um tradutor que tende mais para a domesticação. Como o português ainda não é uma língua “de ponta”, o projeto tradutório de Renato Rezende prima pela valorização do nosso idioma, apesar de tornar o tradutor mais invisível (VENUTI, 2008).

Os textos da edição número 23 da Revista Caderno de Letras mostram como o universo da tradução literária apresenta uma miríade de significados distintos, como, por exemplo, a questão da recepção de textos literários traduzidos e as estratégias de tradução de textos de literatura. Tal universo abrange fronteiras a serem transpostas, mas também demonstra como elas podem tornar as culturas mais fluidas e interativas por intermédio da tradução. Enfim, esperamos que os leitores possam aprofundar e refletir sobre as questões da polissemia e do ato de ser/estar fronteiriço com a possibilidade e/ou probabilidade de lançar luz sobre os diversos questionamentos que permeiam o universo da tradução literária, universo esse que une diversas culturas e que propaga o conhecimento.

16 Roberta Rego Rodrigues

Desejamos a todos então uma leitura proveitosa e suscitadora de esclarecimentos.